



LITERATURA EM QUADRINHOS E FORMAÇÃO DE LEITORES

Ms. Elaine Mendes da Mota; Orientadora Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha

*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
emmsp@usp.br*

Resumo: A presente pesquisa de mestrado tem por objetivo investigar estratégias para a formação do leitor literário a partir da leitura de obras literárias adaptadas em quadrinhos. O enfoque desse estudo de caso está na recepção da Literatura em Quadrinhos por leitores/alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental II, tendo por objeto a leitura da obra “Sr. William Shakespeare – teatro”, de Marcia Williams. Para tanto, propomos a investigação por meio de questionários, diário de leitura e protocolo verbal para subsidiar o conhecimento e a reflexão sobre o processo de leitura da literatura em quadrinhos. As práticas sociais de leitura na sociedade contemporânea demandam do leitor habilidades e competências sobre variadas linguagens, códigos e formas de expressão reunidas, muitas vezes, em um único texto, veiculado sob os mais variados suportes e mídias. Imbricadas na mesma obra, a Literatura, arte da palavra, e a História em Quadrinhos, arte sequencial, formam um texto intersemiótico rico em possibilidades de percursos para o leitor em formação, além de constituírem um campo propício à iniciação estética. Partindo dessas reflexões e hipóteses, este estudo discute a interação do leitor com a(s) obra e o(s) autor(es) a fim de refletir sobre aspectos sócio e metacognitivos da leitura. Pretende-se contribuir com as discussões sobre formação do leitor literário e a relevância de determinadas obras e linguagens nesse processo.

Palavras-chave: formação do leitor, teoria da recepção, literatura adaptada em história em quadrinhos, tradução intersemiótica.

INTRODUÇÃO

A abordagem sobre o papel social da leitura e a atuação do leitor na relação com a obra e com o autor, em inúmeros estudos, tem apontado para a necessidade de reflexão sobre o que constitui o ato de ler hoje e como propiciar a formação desse leitor. As dificuldades do professor em sala de aula para resignificar a leitura numa sociedade contemporânea em que predomina a imagem passam também pelo questionamento sobre os vários modos de ler.

No que diz respeito ao acesso à leitura literária, ainda são poucos os caminhos explorados para atender à necessidade urgente de diversificar as estratégias, objetos e práticas de leitura, alcançando, assim, leitores com diferentes repertórios e perfis. Valorizar as experiências subjetivas de leitura e a reflexão – mediadas e sociabilizadas no espaço de sala de aula –, dar voz ao leitor na sua interação com as obras, parece ser o caminho mais coerente para iniciação e inserção de crianças e jovens no universo estético.

A reflexão sobre as relações entre leitura e subjetividade é imprescindível para a compreensão e proposição de possíveis caminhos na formação dos leitores, como bem argumenta Langlade (2013) em sua investigação a respeito do ensino de literatura e o sujeito leitor: “Mais que a literatura, seus códigos, sua história, não deveríamos atentar prioritariamente m.br





VII ENLIJE

para essa atividade leitora? [...] já não seria a hora de acolher, até mesmo de encorajar, as leituras reais dos alunos?”

A presença e a abordagem de histórias em quadrinhos em sala de aula representam uma possibilidade de aproximação entre objetos de leitura e o aluno, seu universo e suas referências. A Arte Sequencial, próxima da Literatura devido não apenas, mas principalmente, ao aspecto narrativo, propicia um diálogo autor-leitor mediado por signos verbais e visuais, interação muito peculiar da sociedade contemporânea profundamente imagética. Além disso, outros traços constitutivos dessa arte, como a caricatura, o humor e o lúdico, chamam para si a atenção dos jovens leitores.

Cabe aqui ressaltar a complexidade da linguagem intersignica das histórias em quadrinhos, mistura e sobreposição de diferentes linguagens e recursos compositivos, o que reitera sua proximidade com outras artes como a fotografia, o teatro, o cinema e a literatura. A natureza dessa manifestação cultural justifica a necessidade de uma alfabetização para sua leitura e apropriação, multiplicando competências leitoras e ampliando perspectivas e visão de mundo do leitor (VERGUEIRO, 2008).

A imbricada rede de signos, presente tanto no texto literário quanto na história em quadrinhos, demanda uma atuação do leitor que não admite o observador passivo, que apenas decodifica os elementos da composição. O objeto artístico incita o leitor a percorrer e explorar sua rede como um sujeito ativo que estabelece relações entre as diversas camadas de significados e conteúdos, que conecta elementos para, dessa maneira, construir sentidos, compreender, analisar e criticar a visão de mundo apresentada na obra. Como toda manifestação artística, literatura e quadrinhos requisitam de seus leitores a interpretação para realizar-se; é necessário que o leitor coloque em jogo suas expectativas e conhecimento prévio, siga ou questione as pistas lançadas, refute ou confirme hipóteses e preencha os “vazios” que a obra deixa – autor e obra convocam o leitor a uma prática de leitura que é movimento, reinvenção e participação, como afirma Zilberman (1988, p. 19): o ato de ler a obra de ficção, “marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor”.

Na mesma medida, ler intersecções e sobreposição entre linguagem verbal e não-verbal contribui para a compreensão e a apropriação da linguagem metafórica, poética – depreender metáforas, imagens criadas a partir da conjunção de palavras e sentidos, assim como as metáforas visuais, elaboradas a partir de cores, formas, palavras e sentidos conciliados num uso criativo do espaço e dos signos.





VII ENLIJE

Considerando tais reflexões, o presente trabalho busca contribuir para a valorização da Arte dos quadrinhos, e das adaptações literárias nessa expressão artística, como uma possibilidade:

- de formação do leitor proficiente, que saiba ler e usufruir da diversidade de signos que compõem os textos nas variadas formas de comunicação e interação contemporâneas;

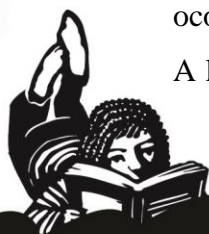
- de formação do leitor literário, que, por meio de seu repertório e competências leitoras, possa explorar a diversidade de manifestações do universo estético e depreender delas não apenas informação, mas conhecimento para refletir sobre sua forma de ser e estar no mundo.

METODOLOGIA

Buscamos na primeira parte da pesquisa compreender a inserção das Histórias em Quadrinhos na cultura e comunicação de massa e sua recente inclusão no repertório de práticas pedagógicas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio como objeto necessário à formação do leitor contemporâneo. O breve levantamento e estudo a respeito da origem e permanência das histórias em quadrinhos nos meios de comunicação e como cultura de massa nos levou a investigar sobre as motivações e argumentos que durante um tempo sustentaram o preconceito e até a exclusão das histórias em quadrinhos do repertório de leituras infantojuvenis. A compreensão das formas de elaboração e veiculação da arte sequencial também se fez relevante para contextualizar sua posterior inclusão, por meio de documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais, avaliações institucionais, exames vestibulares), nas práticas e leituras escolares necessárias à formação do leitor.

A primeira parte da pesquisa contemplou ainda um breve estudo e reflexão a respeito de aspectos cognitivos da leitura, práticas de leitura e a formação de leitores na atualidade. Pautados pela diversidade de experiências estéticas e de leitura no mundo contemporâneo, buscamos compreender alguns aspectos sobre a leitura de imagens e de textos híbridos, encaminhando nossa pesquisa para a exploração de manifestações artísticas intersemióticas (literatura em quadrinhos). Como meio de ampliar nossa reflexão, exploramos conceitos da estética da recepção para melhor compreender a interação obra-leitores e suas implicações.

A partir desse histórico e breve reflexão teórico-analítica, passamos, no segundo momento da pesquisa, a estudar os elementos, recursos e linguagem próprios da nona arte e sua ocorrência e reinvenção na composição de histórias em quadrinhos a partir de obras literárias. A leitura analítica da obra *Sr. William Shakespeare – teatro*, de Marcia Williams, precedeu a





VII ENLIJE

investigação do trabalho de leitura da mesma obra em sala de aula com alunos de 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP.

No terceiro momento deste trabalho, elaboramos e propomos atividades de prática de leitura de literatura em quadrinhos que possibilitassem ao aluno-leitor do Ensino Fundamental II identificar-se como sujeito produtor de sentidos na interação com a obra: compreender, interpretar e usufruir dos recursos expressivos da literatura em quadrinhos. A escolha da obra para estudo e aplicação da pesquisa envolveu critérios como o cânone literário e a ludicidade das produções de literatura infantojuvenil.

Nossa metodologia de pesquisa concretizou-se no acompanhamento das atividades leitoras dos estudantes e realizou-se no momento pré-leitura, durante a leitura e após a conclusão das atividades de leitura por meio de questionários, produção escrita e produção oral gravada. Nosso trabalho buscou compreender a interação dos leitores com a obra, seus desdobramentos e reflexões suscitadas na busca e construção de sentidos. Os registros de comentários orais – protocolos verbais (ERICSSON e SIMON, 1993) – propiciaram a observação de aspectos sobre a atividade leitora enquanto transcorria seu processamento, numa tentativa de captar pensamentos e ideias elaborados na recepção e interação com o objeto de leitura. Uma vez que os registros e a atividade de leitura foram realizados em pequenos grupos, foi possível ainda observar a interação entre leitores e diferentes expectativas, enriquecendo, dessa maneira, nossa reflexão sobre a recepção da obra.

Neste estudo de caso, a análise dos dados coletados nas atividades de leitura teve por objetivos: investigar as estratégias e competências exigidos na leitura de textos intersemióticos para discutir o papel destes na formação de leitores eficientes; compreender os percursos ou modos de leitura que a literatura adaptada em quadrinhos potencializa; compreender a formação do leitor por meio da experiência estética na interação com a arte dos quadrinhos e o literário (contato com um cânone instituído culturalmente).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra *Sr. William Shakespeare – teatro* é um exemplo de literatura em quadrinhos, isto é, a arte dos quadrinhos apresentando sua forma de ver e ler a obra literária, o autor e sua época. Trata-se de uma adaptação, uma tradução intersemiótica: uma arte apresenta uma possibilidade de leitura de um outro objeto artístico (aqui, a obra literária), explorando um modo de ver e tratar o mundo, o ser humano, seus desejos, sentimentos e formas de interação.





VII ENLIJE

Um dos primeiros elementos a se considerar no contato inicial com a obra é a sua forma de apresentação: trata-se de um livro capa dura, de grandes dimensões, de páginas e capas ilustradas com riqueza de detalhes e variedade de cores. As capas, bem como todas as páginas que compõem as sete histórias adaptadas, organizam-se numa grande moldura que simula o palco e a plateia (dividida em três patamares) do teatro Globe Theatre: construção circular às margens do Rio Tâmisa, em Londres, datada de 1599, foi o mais importante espaço de performance de William Shakespeare e sua companhia. É por meio desses elementos constituintes que o leitor é inserido em uma experiência de leitura que também simula a situação de assistir a uma peça de teatro: imaginar-se fazendo parte da plateia, assistir às cenas representadas pelos atores nos quadrinhos, ouvir comentários dos personagens da plateia e fazer os seus próprios a partir de expectativas, impressões, emoções, enfim, ingressar no jogo interativo com esta obra e o que ela representa do universo de Shakespeare.

No que diz respeito à linguagem verbal, a obra apresenta três discursos diferentes: há enunciados de William Shakespeare (linguagem literária nos balões de fala dos personagens); há enunciados verbais elaborados por Marcia Williams (narrador nas legendas de cada vinheta); há as falas, em linguagem coloquial, dos personagens às margens de cada página, a plateia. Esses discursos, junto aos recursos não-verbais (imagens, cores, traçados), se complementam para compreensão das narrativas.

O texto de apresentação da obra anuncia e destaca todas essas características ao convidar o leitor para ingressar nas histórias e época de Shakespeare, evidenciando sua relação de intertextualidade com a obra do dramaturgo. A partir de tais evidências e num gesto que se inclui no repertório de estratégias para um pacto com os leitores, a autora anuncia as possibilidades de leitura e a liberdade na interação com a obra e suas três camadas de realização enquanto texto verbal.

Em contato com todas essas realizações, o leitor tem diante de si um espetáculo complexo e repleto de informações e referências que ele pode relacionar lendo as camadas de texto das mais variadas formas, além das inúmeras relações que possa estabelecer com seu repertório de leituras e experiências estéticas. Não há um único percurso ou ordem para a leitura dos signos verbais e visuais. A página, repleta de referências, situações, personagens e acontecimentos, fisga o leitor, que mergulha no rico universo do autor, sua época e suas histórias.

Entre os inúmeros aspectos que revelam a profícua relação entre a leitura literária e leitura de quadrinhos, destacamos o sentido dos vazios: o “não dito”, a lacuna. Na linguagem dos quadrinhos, as calhas, isto é, os vazios/lacunas que definem a divisão dos quadros/vinhetas, têm





VII ENLIJE

sentido e valor na construção da narrativa. O leitor precisa preencher essas lacunas com a sua imaginação, reconstituindo o todo como um contínuo. Ao relacionar uma vinheta e a seguinte, o leitor precisa preencher os vazios existentes entre elas, pois não lhe foram dadas todas as informações da cena, há os cortes e, por isso, as lacunas. É neste campo imaginativo que talvez resida a maior proximidade da leitura de histórias em quadrinhos com a leitura literária: o leitor participa intensamente, pois sua leitura não é apenas apreensão de elementos dados pelo texto, mas construir sentidos ao preencher com a imaginação o vazio, o não dito, o subentendido entre as linhas, palavras e imagens. É necessário agregar mais elementos àqueles que já estão explicitados na obra de arte para que o conjunto de signos – verbais e visuais – adquira sentido, torne-se verossímil. Esse processo ocorre tanto numa arte como noutra, tanto na interpretação de uma metáfora com palavras quanto na metáfora visual. Tal reflexão abarca também a composição de livros ilustrados infantis, na interação palavra/texto – imagens, ou mesmo na relação apenas entre imagens ou no predomínio de um dos signos. Em seu Livro ilustrado: palavras e imagens, Nikolajela e Scott (2000, p. 32-33) tratam desse aspecto como um dos determinantes na avaliação de livros de literatura infantil:

Se palavras e imagens preencherem suas respectivas lacunas, nada restará para a imaginação do leitor e este permanecerá um tanto passivo. O mesmo é verdade se as lacunas forem idênticas nas palavras e imagens (ou se não houver nenhuma lacuna). No primeiro caso, estamos diante da categoria que chamamos complementar; no segundo, da simétrica. Entretanto, tão logo palavras e imagens forneçam informações alternativas ou de algum modo se contradigam, temos uma diversidade de leituras e interpretações.

A diversidade de leituras e interpretações seria, então, possibilitada pelas lacunas, vazios existentes entre palavra e imagem, entre palavras, entre imagens, espaço a ser preenchido pela imaginação do leitor em sua interação com a obra – a experiência de um leitor ativo. No caso da obra aqui estudada, os vazios das calhas e os “preenchimentos” feitos pelo leitor ainda dialogam com toda a margem das páginas, repleta de referências variadas, o que torna o jogo da leitura ainda mais lúdico, subjetivo – cada leitor faz seu caminho, cada caminho novas interpretações – e, dessa maneira, enriquecedor.

A qualidade estética e possibilidades de interação e leitura da obra em questão pode ser confirmada e analisada nos materiais e dados coletados nas várias etapas de nossa pesquisa. A realização das atividades de leitura (questionários pré e pós-leitura e diário de leitura para registros de impressões individuais) por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental permitiu a





VII ENLIJE

observação da interação leitor e obra, a fruição estética e a construção de sentidos por meio de diversos percursos de leitura.

Nas respostas apresentadas nos questionários aplicados em diferentes momentos de contato com as histórias, os leitores reconhecem a necessidade de elaborar outras estratégias de leitura na interação com uma obra configurada de maneira criativa, o que nos remete à ideia de desautomatização da leitura (Kleiman, 2009): alguns alunos sinalizam a mudança de estratégia de leitura dentro da mesma história, na sequência de quadros e páginas; a leitura e releitura das cenas ficam evidenciadas, num movimento de leitura provavelmente para confirmar, refutar e reelaborar hipóteses de leitura das imagens e dos textos.

Dentre os registros do diário de leitura, os alunos elaboraram desenhos para acompanhar as páginas de comentários. Tais registros sinalizam um diálogo do leitor com a obra: há reelaboração de cenas dos quadrinhos, e nisto é possível depreender o conflito entre expectativa do leitor e as cenas que se desenrolam na história (evento surpreendente); preenchimento de lacunas e elipses entre as cenas na sequência de quadrinhos; destaque de elementos de coesão da história em quadrinhos, como o uso de cores para demarcar grupos de personagens; ou a presença constante de um personagem ou objeto, como elemento coesivo entre as vinhetas.

Os alunos indicam em seus comentários a ordem ou preferência de leitura dos elementos que compõem as páginas: quadrinhos/balões de fala, legendas, plateia – os três níveis ou discursos apresentados pela autora no texto de abertura da obra. Observamos que há uma variação nos caminhos escolhidos quando comparamos os comentários dos vários leitores, e, na maioria das vezes, esses comentários explicitam a busca pelo entendimento, pela construção de sentidos da história. Associado a essas escolhas e percursos, encontramos uma interpretação dos alunos sobre o papel de cada personagem/grupo no desenvolvimento da história e ainda a avaliação de ações e valores expressos nas cenas e discursos – o leitor interage com o texto, envolve-se com a matéria narrada e suas características.

Quando eu comecei a ler eu achei muito interessante o jeito que tudo foi organizado. Eu gostei bastante também que nos cantos das páginas tem os espectadores comentando sobre a peça. É como se eu tivesse junto com elas vendo a peça. Eu preferi ler pelo o que parece ser o narrador falando e depois o que os “atores” falam.

As falas dos espectadores são boas, porque às vezes ajudam a entender o texto e interagem com os leitores e são muito engraçadas e concordo com algumas delas como: “Que tragédia! Pensei que fosse uma história de amor”. Para mim a primeira página foi a mais difícil de entender, pois não sabia direito quem era quem, mas com o decorrer da história foi entendendo direitinho. As imagens (ilustrações) são muito diferentes e bem legais parece até uma aquarela.





VII ENLIJE

Eu achei diferente pois a 'plateia' desenhada no canto da página não comenta apenas sobre a história, mas também discutem entre si.

Tanto a organização dos elementos da história em quadrinhos quanto o desenvolvimento da narrativa são comentados pelos leitores, que, dessa maneira, demonstram reelaborar estratégias, hipóteses e expectativas, desautomatizando a forma de ler e interpretar – é a experimentação de uma nova leitura e fruição estética. Surgem, de forma explícita ou mesmo nas entrelinhas, ideias que passaram por reformulação: todo livro tem numeração de páginas, permitindo sempre uma leitura linear (neste não há, o leitor deve “passear” pelas histórias); toda história de amor deve ter final feliz (nesta, o final é trágico); os personagens devem assumir até o fim o seu papel (há personagens que desistem, mudam de ideia); os quadrinhos são sempre regulares, um após o outro (há várias formas de organização dos quadrinhos, depende do momento e objetivo da história contada), entre outros aspectos.

Nos comentários, há percepção da linguagem dos quadrinhos, com uso metafórico das cores e traços que, junto à composição das cenas e uso das palavras, compõem um todo sintético carregado de significados (“é como se tivesse muitos detalhes e ao mesmo tempo tivesse poucos”). Nessa forma expressiva, foram identificados pelos leitores elementos representativos de características do teatro e do modo de atuação da época.

Tem músicos na primeira fileira da plateia (a mais alta) e pelo o que percebi nos lugares mais altos é onde tem a realeza (os mais ricos) e nas fileiras mais baixas é onde fica os mais pobres. A história é um pouco rápida e difícil de entender, é como se tivesse muitos detalhes e ao mesmo tempo tivesse poucos. Também percebi que quando é uma cena triste, como a morte de alguém, eles usaram máscaras. Na plateia parece que há uma grande confusão.

Os registros produzidos na realização do protocolo verbal em pequenos grupos (gravação de áudio/comentários durante a leitura) revelaram a fruição estética dos textos pelos alunos: a dinâmica de palavras e imagens no texto intersemiótico (quadrinhos, literatura, teatro) e a intensidade dramática da composição instigaram os leitores a realizar uma leitura dramatizada da história entremeadada de comentários que revelam aspectos da atividade leitora, compreensão e interpretação da história e dos elementos compositivos dos quadrinhos (organização, imagens, quadros, cenas, palavras, símbolos, cores etc.). Ao realizar a gravação do áudio, os estudantes definiram uma dinâmica de leitura (quem lê, em que momento fazem comentários). Ainda que tivessem o intuito de organizar a atividade e estruturar a gravação de suas leitura e falas, os





VII ENLIJE

alunos apresentam comentários e expressões espontâneos, fora da ordem estabelecida pelo grupo, além da interpretação das imagens e a relação da plateia com as cenas.

Nesse contexto enunciativo, os comentários dos grupos evidenciaram de maneira mais intensa os elementos de interação do leitor com o texto já apresentados na produção escrita dos diários de leitura.

Dessa maneira, podemos afirmar que a recepção da obra pelos alunos propiciou fruição estética, ampliação do repertório cultural, linguístico e literário, além de levar à reflexão sobre uma diversidade de estratégias de leitura. Houve valorização da arte dos quadrinhos, valorização esta perceptível nos comentários e nos desenhos produzidos pelos educandos ao explorar mecanismos de composição ou apropriar-se, principalmente, da ideia de metáfora visual.

CONCLUSÃO

A análise dos registros, leituras e comentários das histórias do livro em questão permitiu a observação do processo de leitura das páginas com a mistura de linguagens e narrativas.

Pudemos observar em nossa investigação várias estratégias de leitura. Um dos momentos cruciais para observação dessa variedade de estratégias foi justamente o compartilhamento da leitura e das impressões por ela suscitadas: a dinâmica de uma comunidade leitora, em sua prática social, permitiu a problematização, compreensão e apropriação de elementos compositivos das histórias e da própria arte sequencial, bem como o compartilhamento de estratégias de interpretação (diferentes perspectivas) na vivência de leitura dos grupos.

Os comentários escritos refazem o percurso da leitura das páginas e reelaboram cenas e hipóteses do leitor. A revelação de suas descobertas, o caráter de novidade, o questionamento e a reflexão caracterizam uma leitura em constante movimento e transformação: o mover dos olhos pelas páginas e a interação na verbalização do texto (vivacidade do texto) buscam a construção de sentidos e reflexão sobre imaginário inicial e repertório adquirido – histórias, situações e paixões humanas. O resultado dessas leituras e práticas engloba a compreensão da universalidade e atemporalidade da obra literária e a riqueza expressiva da arte em quadrinhos, um todo intersemiótico que contribuiu para a valorização de ambas as artes, do autor nela representado e de sua época.

Ao reconhecerem-se como espectadores comentando sua leitura silenciosa ou como atores e espectadores na leitura dramatizada que espontaneamente realizaram, os alunos,





VII ENLIJE

leitores em formação, reconhecem a necessidade de atuação para construção de sentidos e assumem seu espaço e papel na interação com a obra.

O resgate do caráter performático do texto teatral apresentado em quadrinhos intensificou aspectos de recepção e fruição da obra, o que, por sua vez, também viabilizou o reconhecimento das complexas relações existentes entre quadrinhos, cinema, teatro e literatura. Nesse contexto, o conhecimento tornou-se um universo dinâmico e instigante, onde o leitor/espectador é convidado a vivenciar inúmeras experiências.

A proposição de leitura de literatura em quadrinhos teve por objetivo explorar sua complexa rede de relações entre signos verbais e visuais. Em *Sr. William Shakespeare – teatro*, a iniciação ao cânone literário não está apenas no conhecimento do enredo das peças do bardo inglês, ou apenas no contato com a linguagem literária presente nos balões de fala dos quadrinhos. Ambos os elementos são imprescindíveis. No entanto, ler as imagens e quadrinhos com sua poética e significação, ler as relações entre os diferentes discursos e signos é, sem dúvida, prática que contribui para a formação do leitor literário. A habilidade desse leitor literário é requisitada na formação do leitor contemporâneo, sensível e crítico no contato com diferentes textos e manifestações artísticas, numa realidade fortemente marcada por hibridismos. Saber ler é apropriar-se dessas obras, linguagens, discursos e formas expressivas.

Na exploração de tantas possibilidades e percursos de leitura, é essencial encorajar o leitor a colocar-se com suas reflexões diante do texto. Nosso trabalho buscou constantemente trilhar esses caminhos. Acreditamos que tais reflexões possam contribuir para a elaboração de propostas de ensino-aprendizagem para a formação do leitor em nossos tempos, possibilitando que este se aproprie do conhecimento para atuar e refletir sobre sua forma de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

CHINEN, Nobu; VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Literatura em quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (orgs.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo / Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, 2014. p. 11-36.

CUNHA, Maria Zilda da. Estética do labirinto na produção para crianças e jovens: de estratégias de leitura aos desafios para medir a astúcia do viajante. In: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patricia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva (orgs.). **A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 120-140.





VII ENLIJE

ERICSSON, K. Anders; SIMON, Herbert A. **Protocol analysis: verbal reports as data**. Revised Edition. London: Bradford Book, 1993.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva (orgs.). **A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (seleção, coordenação e tradução). **A literatura e o leitor**. Textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 36).

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (seleção, coordenação e tradução). **A literatura e o leitor**. Textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 36).

LANGLADE, Gérard. Sujeito leitor, autor da singularidade da obra. Tradução de Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38.

KLEIMAN, Angela. **Texto & leitor**. Aspectos cognitivos da leitura. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **A arte dos “quadrinhos” e o literário** – a contribuição do diálogo entre o verbal e o visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CNPq, 1987. (Coleção Estudos, vol. 94).

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. (Coleção Linguagem e Ensino).

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.31-64. (Coleção Como usar na sala de aula).

WILLIAMS, Márcia. **Sr. William Shakespeare – teatro**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 2001.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: _____ (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 09-22.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br

